

## Breve análise sobre a *Última Carta de Maria Antonieta*

*Lorena de Oliveira e Silva*

*Marquessuel Dantas de Souza*

A presente análise se refere a tradução da última carta de Maria Antonieta (Marie Antoinette), escrita às 04:30hs da manhã do dia 16 de outubro de 1793 (algumas horas antes de ser decapitada), documento inédito publicado pela *Revista Pandora Brasil*.

Bem entendido, pode-se dizer que a mesma jovem que Paris recebera com um sorriso no rosto e entusiasmo, agora se despedia com palavras de ódio, com aversões e hostilidades. Mas também com palavras de ternura e de gratidão. As pessoas que anos antes haviam saído às ruas com a esperança, em seus semblantes, para cumprimentarem a recém chegada arquiduquesa austríaca e também futura rainha da França, estavam novamente nas ruas anos depois pela mesma mulher, Maria Antonieta. Conquanto, desta vez as pessoas que haviam sorrido para ela, sorriam por saberem que estavam se livrando dela. Mas, mesmo que a morte para Maria Antonieta tivesse chegado naquele dia, (ao contrário do que o povo da França havia desejado por longos anos [vida à Rainha da França]), a "garota" que eles haviam conhecido seria morta por uma morte infeliz; presa a "preconceitos" inventados<sup>1</sup> sobre ela cujos mesmos jamais foram comprovados. Todas as coisas difamatórias ditas sobre a última rainha da França não passavam de mentiras do povo para que ela perdesse sua popularidade e sua posição social de soberana (privilégio da monarquia). Os julgamentos "injustos" destruíram a "beleza" de Maria Antonieta, que, em sua última aparição diante do povo, diante do público, era uma mulher acabada, envelhecida, desfigurada, ou melhor, destruída pelo tempo e por quão ruim havia sido a situação que a levou até ao cadafalso (à guilhotina). Diante disso, a mulher que anteriormente teve sua beleza comparada com a da deusa Vênus, agora era apenas uma mulher em ruínas, ou, por assim dizer, completamente arruinada pelo tempo e por rumores "inventados" contra a sua pessoa (calúnias).

---

<sup>1</sup> Aqui nos referimos à acusação feita a Maria Antonieta, de a mesma ter cometido incesto com seu filho ainda pequeno.

A mulher e soberana retratada em panfletos contra a monarquia francesa, sempre fora vista como uma deusa da beleza. No entanto, fazia de tudo para o seu próprio bem estar, para o seu proveito, para o seu bel prazer, jamais pensando realmente nas outras pessoas, e principalmente nunca pensando no povo da França (na população francesa de poder aquisitivo baixo [os pobres]). Em seus últimos instantes, passou em corteja "não solene" e "não majestoso" pelas mesmas ruas em Paris nas quais as pessoas a enxergavam, antes, como uma exímia modelo de perfeição; conquanto, neste momento de decadência, era vista como uma mulher desfeita, destituída pela *Revolução*, e, além disso, havia perdido toda a sua beleza e encantamento em razão da situação desagradável que já vivera durante aquele período, o qual lhe trouxe grande mágoa.

Ao falarmos da morte de Maria Antonieta, não podemos simplesmente falar sobre um "degolamento" ou julgarmos essa história como o "julgamento" de mais uma figura política corrupta na história da humanidade. É necessário analisarmos e consideramos que toda essa história não se limita a uma cabeça que caiu de um corpo; todo esse acontecimento vai além da destruição de uma mulher. Ao falarmos, por assim dizer, da Última Rainha da França, é fundamental não esquecermos que ela fora mãe, assim como é importante lembramos da figura paterna que pouco antes de Maria Antonieta havia sido condenado à morte (nove meses antes da morte da Maria Antonieta, Luís XVI foi decapitado em público na *Place de la République*, em Paris [lugar onde ficou exposta a guilhotina durante todo o período da Revolução]).

A partir do momento que a sociedade francesa decide que o melhor para uma mãe é ficar longe dos seus filhos, assistimos à partir de então, uma mulher morrendo aos poucos; a dor de se ver longe de seus filhos, é, para uma mãe, o equivalente a dor de uma tortura lenta e dolorosa. Com efeito, a real beleza e a alegria de uma mulher quando se torna mãe, está ligada ao bem estar e a proximidade com os seus filhos. Por mais desagradável que seja tal situação, certamente uma mãe fará o impossível para que seus filhos sintam-se bem. Porém, quando a dor causada pela distância dos filhos é maior do que a motivação para uma mãe continuar de pé, aos poucos a sociedade assiste um definhamento nunca visto. Com isso, podemos atribuir a aparência arruinada de Maria Antonieta — sempre com evidência em seus últimos retratos, — a dor de uma mãe separada de seus filhos, cuja mesma agüentou ou suportou o sofrimento até o

último instante e enfrentou uma França explosiva em razão do desenho revolucionário: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*, durante os anos da *Revolução*.

Para os revolucionários, a *Revolução Francesa* demorou para acontecer. Eles a enxergaram como um turbilhão voraz, ardiloso e sagaz. Mas, para aqueles que estavam do lado oposto da força revolucionária, tudo parecia maçante, desgastante e lento. A cada dia, todas as opções que os monarcas tinham eram destruídas pela fúria do povo, sob orientação dos líderes revolucionários. O processo, que para os revoltosos foi algo demorado e exaustivo, para os monarcas foi um pesadelo e também desgastante. E Maria Antonieta, logo após a morte do marido (Luis XVI) era o símbolo mais forte e representativo que havia restado da monarquia absolutista.

Todo o princípio do drama da *Revolução Francesa*, no qual o povo francês mostrou o quão rancorosos e furiosos poderiam ser, começou em 1789. Porém, Maria Antonieta experimentou doses fortes daquele ódio desde o primeiro momento em que chegou na França em 1768, vinte e um anos antes da revolução; tudo causado pelo preconceito da corte francesa. Antes mesmo do assunto "xenofobia" ser tratado como algo sociológico, Maria Antonieta foi vítima dessa situação ainda no século XVIII. Pelo simples fato de ser austríaca, ela teve que batalhar mais do que qualquer outra pessoa da corte para que fosse respeitada. Já que o simples fato de ter vindo da Áustria fez com que as pessoas nascidas na França demonstrassem das formas mais brutais e mesquinhas o ódio que tinha contra ela (segundo os comentários da época: Maria Antonieta, uma inimiga no lar francês).

Mesmo que tivesse crescido na corte francesa e acostumada com o ódio e pela recusa dos nobres contra uma estrangeira, Maria Antonieta agora experimentava um desprezo muito mais surreal e incontrolável. O ódio de um povo que passava fome, frio e vivia com escassez de tudo, era maior do que a indignação causada por qualquer tipo de preconceito. Contudo, a triste saga da arquiduquesa austríaca acabou sem o glamour de sua chegada em Paris; sem os aplausos fervorosos de um povo feliz, sem os vestidos reluzentes e tecidos macios da mais bela costura, sem o sorriso de um povo contente por ver sua futura soberana. A jovem ansiosa que passou pelas ruas de Paris quando chegou duas décadas antes, agora era uma mulher melancólica e "séria", que aprendeu forçosamente que não era possível silenciar um povo com sede de justiça e ansioso por

liberdade e igualdade. Uma mulher que aprendeu de todas formas possíveis ver todos aqueles que a amavam longe de si, que perdeu tudo o que tinha, aos poucos e do jeito mais doloroso se voltou contra ela. A jovem de sorriso encantador que foi considerada a jóia mais preciosa da França, era o pedaço do povo francês que menos valia naquele momento. Com o final do julgamento, Maria Antonieta com resiliência soube qual era sua sentença: à morte. Seus últimos instantes e pensamentos foram completamente dedicados a ausência dos filhos, os quais aprendeu a guardar dentro de si; as últimas palavras foram de uma mãe desejando que seus filhos crescessem envoltos com pensamentos positivos, fossem felizes e se distanciassem de todas aquelas fatalidades que suas crianças, apesar de tão novas, haviam assistido.

Na ocasião do processo do *Tribunal Revolucionário*, ninguém já a ouvia mais. Eis a razão para ela escrever sem cessar (uma espécie de refúgio das angústias existenciais [confissões derradeiras]). Aquela mulher quando ainda jovem dizia ter uma beleza de fazer qualquer outra mulher sentir inveja, uma beleza incomparável; com efeito, em sua última passagem pelas ruas de Paris parecia uma mulher muito mais velha do que realmente era (tinha trinta e sete anos quando foi decapitada); a pele sempre impecavelmente e muito bem cuidada, segundo relatos da época, possuía, à esta altura, um tom de branco pálido de uma pessoa fragilizada/debilitada; os cabelos louros e longos sempre escondidos por baixo de suas amadas e extravagantes perucas, agora estavam expostos, haviam sido cortados tendo parte coberto por uma simples touca branca.

Horas antes de sua morte, depois de um exaustivo processo no qual todas as acusações contra Maria Antonieta foram jogadas sobre a mesa, e já aceitando o seu infeliz fim, a própria Maria Antonieta, emocionada, escreveu sua última carta, destinada a sua cunhada Elizabeth. Em sua última carta vemos uma mulher decepcionada consigo mesma e com as pessoas em sua volta, porém deixou claro o quão grande e sincero era o seu amor por seus filhos, sem familiares e amigos. Em suas últimas palavras observamos uma mulher apreensiva, bem como arrependida, isto, fica assim entendido, por não ter aproveitado melhor todas as chances ou oportunidades que teve. Ao mesmo tempo torna-se nítido que a mesma mulher que anos antes havia negligenciado os desejos de sua mãe, em fazer-se uma mulher mais ligada a Deus, a religiosidade, também vemos uma mulher que tinha a sua fé em Deus como último consolo. Suas

últimas palavras mostram uma mulher fraca, em virtude dos abalos que sofrera e das perdas irreparáveis, como a guarda dos seus filhos que era tudo para ela. Ao mesmo tempo notamos uma mulher forte e decidida naquilo que enfrentará. Suas irrevogáveis impressões nos deixa ver como ela, de certo modo, buscou superar todas as mazelas que a vida lhe tinha imposto. Algo, assim consideramos, singular naquele contexto.

Como despedida, Maria Antonieta, se dirigindo ao carcereiro da *Conciergerie*, pediu-lhe tinta e papel para que ela pudesse registrar suas últimas palavras aos seus filhos, à sua família, à seus amigos e à sua adorada cunhada Isabel. Isto, às quatro e meia da manhã. Certamente num momento de profunda reflexão, de desespero, de libertação de espírito, e de realização humana.

Assim foi o crepúsculo de Maria Antonieta, a Última Rainha da França.